

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO VIII – Bem-aventurados os que têm puro o coração

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

Índice

Capítulo VIII – Bem-aventurados os que têm puro o coração.	03
Simplicidade e pureza de coração	03
Retorno à simplicidade	05
Superioridade moral da natureza de Jesus	07
Pecado por pensamento. Adultério	08
O veneno da traição	09
Pensamento e vontade	12
Verdadeira pureza. Mãos não lavadas	14
O Evangelho Segundo o espiritismo	16
Fagulhas de Esperança	18
Escândalos. Se a vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a	20
A lição da espada	22
Instruções dos Espíritos. Deixai que venham a mim as criancinhas	24
Suave chamado	25
Flores e esperança	27
Bem-aventurados os que têm fechados os olhos	29
Bem-aventurados os que têm fechados os olhos	30
Bem-aventurados os que têm fechados os olhos	32

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec Capítulo VIII – Bem-aventurados os que tem puro o coração

Simplicidade e pureza de coração – Pecado por pensamento. Adultério

Verdadeira pureza. Mãos não lavadas – Escândalos. Se a vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a.

Instruções dos Espíritos: Deixai que venham a mim as criancinhas – Bem-aventurados os que têm fechados os olhos.

1. Simplicidade e pureza de coração

1. Bem-aventurados os que têm puro o coração, porquanto verão a Deus. (S. Mateus, cap. V, v. 8.)

2. Apresentaram-lhe então algumas crianças, a fim de que ele as tocasse, e, como seus discípulos afastassem com palavras ásperas os que lhas apresentavam, Jesus, vendo isso, zangou-se e lhes disse: “Deixai que venham a mim as criancinhas e não as impeçais, porquanto o reino dos céus é para os que se lhes assemelham. — Digo-vos, em verdade, que aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, nele não entrará.” — E, depois de as abraçar, abençoou-as, impondo-lhes as mãos.
(S. MARCOS, cap. X, vv. 13 a 16.)

3. A pureza do coração é inseparável da simplicidade e da humildade. Exclui toda ideia de egoísmo e de orgulho. Por isso é que Jesus toma a infância como emblema dessa pureza, do mesmo modo que a tomou como o da humildade.

Poderia parecer menos justa essa comparação, considerando-se que o Espírito da criança pode ser muito antigo e que traz, renascendo para a vida corporal, as imperfeições de que se não tenha despojado em suas precedentes existências. Só um Espírito que houvesse chegado à perfeição nos poderia oferecer o tipo da verdadeira pureza. É exata a comparação, porém, do ponto de vista da vida presente, porquanto a criancinha, não havendo podido ainda manifestar nenhuma tendência perversa, nos apresenta a imagem da inocência e da candura. Daí o não dizer Jesus, de modo absoluto, que o reino dos céus é para elas, mas para os que se lhes assemelhem.

4. Pois que o Espírito da criança já viveu, por que não se mostra, desde o nascimento, tal qual é? Tudo é sábio nas obras de Deus. A criança necessita de cuidados especiais, que somente a ternura materna lhe pode dispensar, ternura que se acresce da fraqueza e da ingenuidade da criança. Para uma mãe, seu filho é sempre um anjo e assim era preciso que fosse, para lhe cativar a solicitude. Ela não houvera podido ter-lhe o mesmo devotamento, se, em vez da graça ingênua, deparasse nele, sob os traços infantis, um caráter viril e as ideias de um adulto e, ainda menos, se lhe viesse a conhecer o passado. Aliás, faz-se necessário que a atividade do princípio inteligente seja proporcionada à fraqueza do corpo, que não poderia resistir a uma atividade muito grande do Espírito, como se verifica nos indivíduos grandemente precoces. Essa a razão por que, ao aproximar-se-lhe a encarnação, o Espírito entra em perturbação e perde pouco a pouco a consciência de si mesmo, ficando, por certo tempo, numa espécie de sono, durante o qual todas as suas faculdades permanecem em estado latente. É necessário esse estado de transição para que o Espírito tenha um novo ponto de partida e para que esqueça, em sua nova existência, tudo aquilo que a possa travar. Sobre ele, no entanto, reage o passado. Renasce para a vida maior, mais forte, moral e intelectualmente, sustentado e secundado pela intuição que conserva da experiência adquirida.

A partir do nascimento, suas ideias tomam gradualmente impulso, à medida que os órgãos se desenvolvem, pelo que se pode dizer que, no curso dos primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança, por se acharem ainda adormecidas as ideias que lhe formam o fundo do

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

caráter. Durante o tempo em que seus instintos se conservam amodorrados, ele é mais maleável e, por isso mesmo, mais acessível às impressões capazes de lhe modificarem a natureza e de fazê-lo progredir, o que torna mais fácil a tarefa que incumbe aos pais. O Espírito, pois, enverga temporariamente a túnica da inocência e, assim, Jesus está com a verdade, quando, sem embargo da anterioridade da alma, toma a criança por símbolo da pureza e da simplicidade.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

Crônicas e Artigos

Nº 230 – 09/10/2011

O Consolador – (Simone M. de Almeida Prado)

I. Simplicidade e pureza de coração

Retorno à simplicidade

“Homens fracos, que compreendeis as trevas de vossas inteligências, não afasteis o facho que a clemência divina coloca entre vossas mãos para iluminar vosso caminho e vos conduzir, filhos perdidos, ao regaço do Pai.”
(O Espírito de Verdade)

Quando Jesus veio ter conosco, trouxe consigo poderosa ferramenta de instrução: a simplicidade. Não poderia ser de outra forma. Na condição de Espírito puro, optou pela simplicidade desde o berço. Não nasceu entre os poderosos, não buscou títulos terrenos. Não exigiu aplausos ou cobrou impostos de gratidão e reconhecimento. Falava em tom pacífico, sereno, por vezes enérgico, franco, mas não menos caridoso ou desabrido.

Mesmo usando de linguagem muitas vezes simbólica, Jesus não prescindiu da simplicidade nos atos e nas palavras. Consciente das inúmeras controvérsias que adviriam da letra humana, e compreendendo que a humanidade levaria séculos para assimilar a verdade de seus ensinamentos, o Mestre transmitiu a sabedoria divina de forma simples, na mais clara intenção de preservá-la pelos séculos porvindouros. A essência moral da mensagem evangélica prevaleceu e, no tempo certo, o Consolador prometido veio lembrar a beleza e a profundidade das palavras de vida eterna, demonstrando a realidade do Espírito imortal, sempre amparado pela Misericórdia Divina.

“Que ouçam os que têm ouvidos para ouvir”, disse o Mestre. O Espiritismo é a chave que abre novos e vastos horizontes, fazendo luz nas sombras, falando ao coração e à razão. Seu advento marcou o retorno à simplicidade e à pureza do Cristianismo primitivo, desfigurado por interpretações mitológicas e ilusórias práticas de dominação e poder.

“O Espiritismo não criou igrejas, não precisa de templos suntuosos e tribunas luxuosas com pregadores enfatuados. Não tem rituais, não dispensa bênçãos, não promete lugar celeste a ninguém, não confere honrarias em títulos ou diplomas especiais, não disputa regalias oficiais. Sua única missão é esclarecer, orientar, indicar o caminho da autenticidade humana e da verdade espiritual do homem. Se não compreendermos isso e nisso não nos integrarmos, estaremos sendo pedras de tropeço para os que desejam realmente evoluir, não por fora, mas por dentro.”
(PIRES, J. H.)

“Estamos convencidos, segundo as afirmativas dos nossos Benfeitores Espirituais, que a mais elevada função da Doutrina Espírita é a de restaurar os ensinamentos de Jesus com as elucidações de Allan Kardec, para a felicidade real das criaturas.”
(Emmanuel, (psicografia Chico Xavier))

O Espiritismo esclarece e confirma que na pureza dos ensinamentos de Jesus encontramos o caminho, a Verdade e a vida. Segundo Kardec, o verdadeiro espírita e o verdadeiro cristão são a mesma coisa.

Como explicar então as estranhas práticas que temos aceitado, em nome do Espiritismo, e que vão de encontro à simplicidade adotada pelo Mestre? Por que permitir a introdução, nas casas espíritas, das chamadas terapias alternativas, sabendo que a casa espírita deve zelar pela pureza doutrinária, com vistas à transformação do ser humano de dentro para fora, e não o contrário?

Por qual motivo temos adotado métodos estranhos, advindos de outras crenças, nos trabalhos de desobsessão, ou aderindo a rituais e cerimônias com o fim de realizar casamentos entre adeptos da Doutrina, sabendo que tais posturas são totalmente incoerentes com a proposta espírita?

Por que temos esquecido de estudar as obras fundamentais de Allan Kardec para deitarmos os olhos em livros pobres no conteúdo e na forma, publicados sem qualquer cuidado e prudência, e muitas vezes em total desacordo com os conceitos espíritas?

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

Como justificar a exploração, o abuso e a vulgarização da mediunidade a pretexto de favorecer instituições de beneficência?

Praticamos o Espiritismo verdadeiro quando cobramos para divulgar a palavra evangélica, promovendo encontros e eventos dispendiosos, condicionando a participação dos ouvintes ao pagamento pelos benefícios espirituais que deverão receber? Onde a responsabilidade em manter acesa a chama do amor, da fé e da esperança, à maneira como nos foi passada pelo Mestre, a todos e ao alcance de todos?

Se o Consolador prometido nos lembra os ensinamentos de Jesus, pautados na simplicidade que ilumina e eleva o Espírito acima de todos os interesses puramente terrenos, como reconhecê-lo na ausência de clareza e naturalidade nas tribunas, ou ofertando a palavra apenas a um grupo seletivo de intelectuais, em desarmonia com a maioria do auditório? A simplicidade que marcou o verdadeiro Cristianismo e que o Espiritismo incorpora e apresenta na sua feição de Evangelho redivivo precisa ser estendida a todos os atos relacionados à sua prática e divulgação, nos mais diversos setores da seara.

Se o que nos move, dentro dos princípios que abraçamos, é a caridade desinteressada, lembremos “que a boa intenção passará sem maior benefício, caso não se ligue à esfera da realidade imediata na ação reta”.

(Chico Xavier)

Jesus está no leme, mas o espírita assume grave compromisso perante sua consciência.

“O patrimônio inestimável dos postulados espíritas está em nossas mãos.”

(Waldo Vieira)

“Temos deveres intransferíveis para com a Doutrina Espírita – precisamos guardar-lhe a limpidez e a simplicidade com dedicação sem intransigência e zelo sem fanatismo.”

(Emmanuel)

Ontem, desvirtuamos o Cristianismo e arcamos com as consequências do nosso despreparo e imaturidade; hoje, nossa responsabilidade é bem maior: manter acesa a luz da Verdade, evitando que os velhos erros se repitam. Erros que atrasaram o progresso em muitos anos, por rejeitarem a simplicidade grandiosa exemplificada pelo Cristo.

Referências bibliográficas:

PIRES, J. H. Curso Dinâmico de Espiritismo, O Grande Desconhecido, (cap. IV.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo (cap. VI.)

VIEIRA Waldo, Conduta Espírita, (p. 63.)

Emmanuel, A Terra e o semeador, (psicografia Chico Xavier), (entrevistas), (p. 76)

Emmanuel, No mundo de Chico Xavier, (psicografia Chico Xavier e Elias Barbosa), (Entrevistas), (p. 95.)

Emmanuel, Pão Nosso, (psicografia Chico Xavier), (lição 86.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

Crônicas e Artigos

Nº 247 – 12/02/2012

O Consolador – (Oswaldo Coutinho)

I. Simplicidade e pureza de coração

Superioridade moral da natureza de Jesus

A vida de Jesus foi uma epopeia de luz. Os seus feitos, os seus ensinamentos jamais foram vistos em toda a história da humanidade.

A sua presença facultava ao planeta a oportunidade sublime de redenção espiritual, a sua mensagem continua a embalar os corações dos homens no decorrer dos séculos, o seu amor continua sendo o referencial de luz para a humanidade, os seus ensinamentos são a maior oportunidade de o Espírito eterno, viajor do tempo e do espaço, conhecer a verdade, as bem-aventuranças são a maior canção que a humanidade pôde ouvir saindo dos lábios sublimes do Nazareno, que soube como ninguém percorrer as distâncias espirituais para semear na Terra a mensagem da Boa Nova.

Que homem é esse que soube implantar nos corações dos homens a mensagem do amor, do perdão, da caridade e da misericórdia, como mecanismo divino que a Providência nos concede como meio de conseguir a nossa evolução?!

Ah! Jesus amado! Tem paciência com as nossas imperfeições milenares, porque muitas vezes não soubemos aproveitar o teu convite e hoje, Senhor, somos convidados a recomeçar o caminho através de erros e acertos, construindo a nossa evolução.

Tem piedade, Jesus, por nós sofredores que muitas vezes vivemos no bátrio das ilusões mundanas, preferindo o ouro de César e rejeitando a tua mensagem de felicidade.

Muitas vezes, Senhor, equivocados no caminho a seguir causamos a guerra e destruímos lares por ganância ao poder.

Oh! Jesus! Tem piedade de nós e nos socorre como socorreste o mancebo rico que preferira os ouropéis enganosos que o mundo oferece, em detrimento da tua mensagem renovadora.

Socorre-nos, Senhor, na figura do paralisado de Cafarnaum que teve a oportunidade de encontrar-se contigo numa linda tarde, às margens do lago de Genesaré, ouvindo as onomatopeias e o chilrear dos pássaros, e sentir o teu majestoso olhar, sendo beneficiado por teu magnetismo que reconstituiu suas carnes dilaceradas.

Amado Jesus, sê por nós neste momento de transição planetária em que o planeta amado passa por transformações sucessivas em busca de sua regeneração.

Fortalece, Senhor, os Espíritos que estão sendo convidados a deixar o planeta em evolução, sublima-os de sentimentos bondosos para que possam um dia, Senhor, retornar ao planeta, já recuperados de suas imperfeições morais, e aos Espíritos bondosos que virão, Senhor, dá-lhes força, luz e a estrela guia para que possam se fortalecer para a luta do caminho.

Assim, Jesus amado, nós só temos que suplicar a tua assistência amorosa para as nossas vidas e para todos, Senhor, que estão mergulhados neste véu carnal e também estão em luta para a sua redenção.

Muito obrigado, amigo divino! Que o teu amor fique incrustado em toda a esfera terrestre para que o homem consiga um dia participar do reino de amor, quando então estaremos todos nós usando a túnica nupcial que significa simplicidade e pureza de coração.

Assim, Jesus, com a certeza da tua presença e da presença dos Espíritos bondosos que te auxiliam, entregamos nossas vidas em tuas mãos para que possa nos dirigir com segurança em busca da nossa plenitude, da nossa felicidade, da nossa paz.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

2. Pecado por pensamentos. Adultério

5. Aprendestes que foi dito aos antigos: “Não cometeréis adultério. Eu, porém, vos digo que aquele que houver olhado uma mulher, com mau desejo para com ela, já em seu coração cometeu adultério com ela.”

(S. Mateus, cap. V, vv. 27 e 28.)

6. A palavra adultério não deve absolutamente ser entendida aqui no sentido exclusivo da acepção que lhe é própria, porém, num sentido mais geral. Muitas vezes Jesus a empregou por extensão, para designar o mal, o pecado, todo e qualquer pensamento mau, como, por exemplo, nesta passagem: “Porquanto se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, dentre esta raça adúltera e pecadora, o Filho do Homem também se envergonhará dele, quando vier acompanhado dos santos anjos, na glória de seu Pai.”

(S. MARCOS, cap. VIII, v. 38.)

A verdadeira pureza não está somente nos atos; está também no pensamento, porquanto aquele que tem puro o coração, nem sequer pensa no mal. Foi o que Jesus quis dizer: ele condena o pecado, mesmo em pensamento, porque é sinal de impureza.

7. Esse princípio suscita naturalmente a seguinte questão: Sofrem-se as conseqüências de um pensamento mau, embora nenhum efeito produza?

Cumpra-se aqui uma importante distinção. À medida que avança na vida espiritual, a alma que enveredou pelo mau caminho se esclarece e despoja pouco a pouco de suas imperfeições, conforme a maior ou menor boa vontade que demonstre, em virtude do seu livre-arbítrio. Todo pensamento mau resulta, pois, da imperfeição da alma; mas, de acordo com o desejo que alimenta de depurar-se, mesmo esse mau pensamento se lhe torna uma ocasião de adiantar-se, porque ela o repele com energia. É indício de esforço por apagar uma mancha. Não cederá, se se apresentar oportunidade de satisfazer a um mau desejo. Depois que haja resistido, sentir-se-á mais forte e contente com a sua vitória.

Aquela que, ao contrário, não tomou boas resoluções, procura ocasião de praticar o mau ato e, se não o leva a efeito, não é por virtude da sua vontade, mas por falta de ensejo. É, pois, tão culpada quanto o seria se o cometesse.

Em resumo, naquele que nem sequer concebe a ideia do mal, já há progresso realizado; naquele a quem essa ideia acode, mas que a repele, há progresso em vias de realizar-se; naquele, finalmente, que pensa no mal e nesse pensamento se compraz, o mal ainda existe na plenitude da sua força. Num, o trabalho está feito; no outro, está por fazer-se. Deus, que é justo, leva em conta todas essas gradações na responsabilidade dos atos e dos pensamentos do homem.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

Crônicas e Artigos

Nº 122 – 30/08/2009

O Consolador – (Eduardo Augusto Lourenço)

II. Pecado por pensamento. Adultério

O veneno da traição

“Todo aquele que repudia sua mulher e casa com outra, comete adultério; e quem casa com a que foi repudiada pelo marido, também comete adultério”
(Mateus 5:32.)

A traição foi motivo de muitos escândalos em todas as épocas da humanidade, não somente a traição no campo do sentimento, mas nos negócios, nas amizades, nos ideais em todos os aspectos humanos. Trair, seja a confiança, um relacionamento, uma amizade, sempre deixa marcas profundas, sequelas difíceis de apagar das lembranças; só nos ofendemos por aqueles a quem realmente amamos e que por uma ocasião tenha nos ferido.

O termo traição pode ser entendido como deslealdade, desapontamento da expectativa de alguém; é desvendar os segredos de outrem, entregar um amigo aos seus inimigos; distanciamento; é também decepcionar um amigo, além de ser contada como engano e infidelidade, perfídia, desonestidade. A traição é baseada na mentira. É um dos piores, senão o pior golpe que alguém pode receber de um amigo ou de uma pessoa que se considera ou que se ama.

Há personagens que simbolizam tal atitude, o traidor Joaquim Silvério dos Reis, que entregou Tiradentes, o Alferes mártir do movimento separatista da Inconfidência Mineira, aos seus julgadores e executores, os representantes da Coroa Portuguesa. Por razões políticas, Joana D'Arc foi traída por companheiros franceses. Aprisionada, foi acusada pelos ingleses de heresia e bruxaria, para depois ser condenada por um tribunal da igreja e queimada viva em Rouen no ano de 1431.

Antes da publicação do “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec é orientado pelo Espírito de Verdade. Ele diz no livro “Obras Póstumas” que: “a missão dos reformadores é cheia de escolhos e perigos; a tua é rude; previno-te, porque é ao mundo inteiro que se trata de agitar e de transformar. Não creias que te seja suficiente publicar um livro, dois livros, dez livros, e fiques tranquilamente em tua casa; não, é preciso te mostrares no conflito; contra ti se açularão terríveis ódios, implacáveis inimigos tramarão a tua perda; estarás exposto à calúnia, à traição, mesmo daqueles que te parecerão mais dedicados; as tuas melhores instruções serão impugnadas e desnaturadas; sucumbirás mais de uma vez ao peso da fadiga; em uma palavra, é uma luta quase constante que terás de sustentar com o sacrifício do teu repouso, da tua tranquilidade, da tua saúde e mesmo da tua vida, porque tu não viverás muito tempo.”

Allan Kardec então escreve uma nota, no dia 1º de janeiro de 1867, dizendo que: “Passados dez anos e meio depois que esta comunicação me foi dada, e verifico que ela se realizou em todos os pontos, porque experimentei todas as vicissitudes que nela me foram anunciadas. Tenho sido alvo do ódio de implacáveis inimigos, da injúria, da calúnia, da inveja e do ciúme; têm sido publicados contra mim infames libelos; as minhas melhores instruções têm sido desnaturadas; tenho sido traído por aqueles em quem depositara confiança, e pago com a ingratidão por aqueles a quem tinha prestado serviços.

A Sociedade de Paris tem sido um contínuo foco de intrigas, urdidas por aqueles que se diziam a meu favor, e que, mostrando-se amáveis em minha presença, me detravam na ausência. Disseram que aqueles que adotavam o meu partido eram assalariados por mim com o dinheiro que eu arrecadava do Espiritismo. Não mais tenho conhecido o repouso; mais de uma vez, sucumbi; sob o excesso do trabalho, tem se me alterado a saúde e comprometido a vida.”

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

O discípulo Judas Iscariotes entregou o Cristo aos seus inimigos, os sacerdotes hebreus, com um beijo em sua face, ele é preso pelos romanos. É considerado culpado de sacrilégio pelo sumo sacerdote e entregue ao aparelho judicial romano, na pessoa de Pôncio Pilatos. Jesus é condenado, como se fosse um vulgar criminoso, à morte na cruz.

No momento mais difícil da vida do Mestre, Pedro sequer admite que havia convivido com ele, negando por três vezes. Judas, por sua vez, aproveita-se da proximidade de Jesus para denunciá-lo de modo mais eficaz e seguro. Se analisarmos bem, ambos são traidores porque traíram o Mestre, suas atitudes até podem ser explicadas, Pedro estava com medo e inseguro, sentindo-se fragilizado e inútil diante da prisão de Jesus, Judas enganou-se completamente sobre a mensagem do Mestre e por sua ação pacífica e mansa, esperando mais um líder político e belicoso, como o rei Davi.

Pedro e Judas eram seguidores do Mestre, indivíduos que foram escolhidos por ele para ajudar na divulgação da Boa Nova, exemplificando através das ações altruístas e pela conduta reta divulgando a mensagem libertadora e transformadora do Cristo. Muito mais do que apóstolos eram seus amigos, sujeitos que compartilham na sua mais profunda intimidade.

Todos nós invariavelmente possuímos imperfeições e fraquezas humanas e temos que entender os erros dos outros, porque podemos passar pela mesma situação. Podemos errar pelos mais diversos motivos, o que torna compreensíveis os erros, mas isso não altera e nem justifica a realidade gerada por uma ação errada.

No entanto, aquele que comete este ato tão condenável que é traição, por si só, já se condenou, pois o sofrimento, o abandono, a discriminação e o escândalo do ato são, às vezes, muito piores, gerando uma prisão íntima que é alimentada pelo remorso e pela própria consciência. Quando não vem, a “dor moral” que custa muito a passar. Às vezes doendo muito mais em quem cometeu o ato, do que na própria vítima. O algoz pelo erro se condena e se julga por duas vezes, por si mesmo e pelo outro.

O arrependimento e a culpa frequentemente são tão dolorosos processos que martelam nossos pensamentos; pelo relato de Mateus, não foi Jesus quem sofreu, mas Pedro e Judas é que sentiram o forte impacto do erro que cometeram. Porque o Mestre sabia o peso da reação perante as duas consciências, Jesus lhes perdoou

Contudo, é evidente a diferença no modo como os dois lidaram com o erro que cometeram e com o remorso e o sentimento de culpa que sentiram. Judas não aguentou a pressão e suicidou-se, já Pedro tornou-se um grande líder da comunidade cristã. Judas infelizmente não suportou a força do próprio erro e caiu nas malhas da autodestruição, enquanto Pedro foi capaz de superá-lo e de ir adiante.

Judas simboliza uma maneira destrutiva e pessimista de encarar as próprias faltas e imperfeições, enquanto Pedro mostra um modo mais altruísta de reagir.

A diferença entre os dois é que Judas não foi capaz de perdoar a si mesmo, de encontrar forças para ter esperança e coragem de seguir adiante, buscando no suicídio uma alternativa para fugir de suas falhas, gerando pelo ato mais dor e sofrimento.

O perdão é uma força libertadora e regeneradora, na medida em que nos dá uma oportunidade de tentarmos de novo e melhorar sempre. Rejeitar a si mesmo é negar a reabilitação íntima, é jogar fora a possibilidade de uma nova oportunidade de ser feliz e fazer diferente, é abandonar os sonhos, a esperança, é desperdiçar aquilo que temos de mais precioso: a vida que o criador nos deu, e isso já é, por si mesmo, uma punição estrondosa. Judas é um pouco de todos

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

nós. Sua figura, por todo desespero e angústia que sofreu, não merece malhação, merece compaixão e compreensão.

São experiências dolorosas que nos pedem reconciliação com a nossa consciência e com aqueles que ferimos; nada pior do que lesar o outro no campo do sentimento; é uma das lições mais complexas de serem superadas, muitas vezes são décadas para se reconstruir um relacionamento rompido pelas marcas da traição, outras vezes são inúmeras reencarnações para se acertar os desatinos ocorridos no passado.

A instituição chamada família sempre é o palco destes resgates, maridos e esposas, filhos e pais vão polindo as arestas e desfazendo as diferenças criadas em muitas existências progressas.

As atitudes de uma pessoa estão diretamente ligadas à sua condição moral e evolutiva, a vida terrena gera as situações onde precisamos nos corrigir, surgindo de forma natural em consequência da nossa conduta, vítimas e algozes se encontram e aí caberá a cada um lutar ou recair no mesmo erro.

A traição provém de vários fatores que levam para este ato: questões culturais, carências, insatisfação em relação a desejos e expectativas com o (a) parceiro (a), vingança, a busca pelo novo, o estímulo provocado pela sensação de perigo, ou mesmo de poder.

O ato de trair não precisa necessariamente consumir o ato sexual. Não compartilhar mais as regras de fidelidade com o parceiro já pode ser encarado como traição. Uma terceira pessoa presente nos pensamentos é uma traição. Cobiçar a mulher ou o homem alheio é uma forma de adultério, como nos orienta Mateus “Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo que todo aquele que olhar para uma mulher para cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela. Como tratou Jesus a mulher adúltera?” (5:27-28).

Todo pensamento, palavra e ação que tomamos têm na sua consequência uma direção psíquica voltada para nós mesmos, porque todo pensamento é vida, com isso, tudo aquilo que projetamos retorna à sua origem, iniciando um tipo de comportamento condizente com aquilo que pensamos. Devemos ser responsáveis pelos nossos pensamentos e entender que podemos contribuir com os nossos mais íntimos desejos com a infelicidade ou a felicidade do outro.

Tudo começa no pensamento, Jesus fala da força do pensamento, considerando-o como algo concreto e real. Entendemos que tudo o que sai da mente como pensamento, sentimento, palavra e finalização da ação, retorna na mesma intensidade, pois projetamos os nossos desejos, sonhos e toda vontade, direcionando nossa fé, crenças e os nossos verdadeiros tesouros. Fé não é apenas algo relacionado ao divino, fé é tudo aquilo que você acredita, seja por temor ou amor.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

Crônicas e Artigos

Nº 93 – 08/02/2009

O Consolador – (Eduardo Augusto Lourenço)

II. Pecado por pensamento. Adulterio

Pensamento e vontade

“Tendes ouvido o que foi dito: Não cometeis adultério. Mas eu vos digo: Todo aquele que olhar para uma mulher com mau desejo já cometeu no seu coração adultério com ela”

(Jesus. Evangelho de Mateus, 5:27).

Quando foram pronunciadas, há mais de 2.000 anos, as palavras do Mestre Jesus, devem ter causado estranheza aos participantes do inolvidável sermão da montanha.

Na época, Jesus trazia a lei do amor incondicional. O conceito de adultério, até então, era somente relacionado ao fato em si.

Mas Jesus esclarece que também aquele que pensa em adular estar, assumindo graves responsabilidades com a sua consciência em relação ao fato.

O Mestre quis demonstrar que somos responsáveis não só pelo que fazemos, mas, também, pelo que falamos e pensamos.

E sendo o pensamento a “raiz” do que iremos, falar, ou fazer, isso o coloca em altíssimo grau de importância, pois somos o que pensamos.

É fácil entendermos a afirmação de Jesus. Um pensamento de adultério se irradiará na direção da pessoa que se deseja, influenciando-a com essa energia negativa, perturbando-a com a ideia de traição e sedução, podendo perdurar dias e noites. Perante as Leis Divinas, essa pessoa que projetou o pensamento é responsável por todo mal que for feito por ele.

Grande é a responsabilidade que temos com os nossos pensamentos.

Ao analisarmos a profundidade do ensinamento de Jesus, percebemos como é de alta relevância compreender o funcionamento dessas energias mentais para conseguirmos, realmente, a nossa tão desejada transformação moral.

Nós somos filhos da divindade, e possuíamos a força do pensamento. Nosso poder mental criador, centelha da mente de “Deus”, permite-nos edificar a paz, pois, “O reino de Deus está dentro de vós” ou criar as trevas íntimas no cerne da alma; a escolha é sempre nossa, paraíso e inferno é grau de consciência.

Todos nós somos usinas mentais, criando e empregando o pensamento e a vontade. O ser atua sobre os fluidos espirituais, construindo os seus mundos particulares, valendo-se do laboratório vivo do astral.

Por meio das vibrações do perispírito, pode provocar fenômenos luminosos, acústicos ou olfativos agradáveis ou desagradáveis.

As construções do mundo invisível revelam uma grande semelhança com as de Terra, uma vez que é elaborada a partir do gosto estético ou das recordações dos seus arquitetos.

Em regiões elevadas moralmente, onde reina o Belo e o Bem, desfilam criações inimagináveis, cidades, jardins, bosques, cuja beleza ultrapassa a dos toscos parâmetros terrenos.

Por outro lado, infestam o invisível inferior ambiente de horror indescritível, produtos das mentes enlouquecidas pelo ódio, pelo sofrimento, pelo remorso, gerando cenas macabras que atormentam, sobretudo, assassinos e suicidas.

Pela lei de atração e afinidade, reúnem-se ali grupos ou falanges de Espíritos, alimentando, assim, seus próprios infernos, fortalecendo as algemas que os escravizam a esses antros infernais.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

Os nossos pensamentos, sentimentos, tendências e caráter acabam atraindo as companhias espirituais com as quais temos afinidade: “Dize-me com quem tu andas e eu te direi quem tu és”.

Daí a necessidade de educar nossas mentes, elevando-lhes o padrão vibratório, vigiando o pensamento contra o assalto das trevas, instaurando, assim, a nossa própria paz.

As ondas mentais são energias emitidas pela mente, e que podem ser analisadas de acordo com o teor da sua frequência vibratória.

São elas que possibilitam estabelecer a sintonia com outras mentes encarnadas ou desencarnadas. Quanto maior a direção no Bem, maior será a frequência da nossa onda mental.

Assim sendo, eleva a frequência vibratória tudo aquilo que reflete a essência de uma virtude: a bondade, o perdão, a tolerância, a compreensão, a caridade, a solidariedade, a benevolência, uma leitura edificante, uma oração.

Com o mesmo mecanismo acontece com as nossas irradiações negativas. Assim, se nos colocarmos a produzir pensamentos que ninguém conhecerá sobre a mulher ou o homem do próximo, estaremos, projetando formas, pensamentos negativos à pessoa alvo, que até poderão causar-lhe algum malefício.

Independentemente disto, nós já teremos certa quota de responsabilidade e negatividade perante as Leis Divinas, por causa da sementeira infeliz.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

3. Verdadeira pureza. Mãos não lavadas

8. Então os escribas e os fariseus, que tinham vindo de Jerusalém, aproximaram-se de Jesus e lhe disseram: “Por que violam os teus discípulos a tradição dos antigos, uma vez que não lavam as mãos quando fazem suas refeições?”

Jesus lhes respondeu: “Por que violais vós outros o mandamento de Deus, para seguir a vossa tradição? Porque Deus pôs este mandamento: Honrai a vosso pai e a vossa mãe; e este outro: Seja punido de morte aquele que disser a seu pai ou a sua mãe palavras ultrajantes; e vós outros, no entanto, dizeis: Aquele que haja dito a seu pai ou a sua mãe: Toda oferenda que faço a Deus vos é proveitosa, satisfaz à lei, — ainda que depois não honre, nem assista a seu pai ou à sua mãe. Tornam assim inútil o mandamento de Deus, pela vossa tradição.

Hipócritas, bem profetizou de vós Isaías, quando disse: Este povo me honra de lábios, mas conserva longe de mim o coração; é em vão que me honram ensinando máximas e ordenações humanas.”

Depois, tendo chamado o povo, disse: “Escutai e compreendei bem isto: — Não é o que entra na boca que macula o homem; o que sai da boca do homem é que o macula. — O que sai da boca procede do coração e é o que torna impuro o homem; — porquanto do coração é que partem os maus pensamentos, os assassínios, os adultérios, as fornicções, os latrocínios, os falsos-testemunhos, as blasfêmias e as maledicências.

Essas são as coisas que tornam impuro o homem; o comer sem haver lavado as mãos não é o que o torna impuro.”

Então, aproximando-se, disseram-lhe seus discípulos: “Sabeis que, ouvindo o que acabais de dizer, os fariseus se escandalizaram?” — Ele, porém, respondeu: “Arrancada será toda planta que meu Pai celestial não plantou. — Deixai-os, são cegos que conduzem cegos; se um cego conduz outro, caem ambos no fosso.”

(S. Mateus, cap. XV, vv. 1 a 20.)

9. Enquanto ele falava, um fariseu lhe pediu que fosse jantar em sua companhia. Jesus foi e sentou-se à mesa. — O fariseu entrou então a dizer consigo mesmo: “Por que não lavou ele as mãos antes de jantar?” Disse-lhe, porém, o Senhor: “Vós outros, fariseus, pondeis grandes, cuidado em limpar o exterior do copo e do prato; entretanto, o interior dos vossos corações está cheio de rapinas e de iniquidades. Insensatos que sois! aquele que fez o exterior não é o que faz também o interior?”

(S. LUCAS, cap. XI, vv. 37 a 40.)

10. Os judeus haviam desprezado os verdadeiros mandamentos de Deus para se aferrarem à prática dos regulamentos que os homens tinham estatuído e da rígida observância desses regulamentos faziam casos de consciência. A substância, muito simples, acabara por desaparecer debaixo da complicação da forma. Como fosse muito mais fácil praticar atos exteriores, do que se reformar moralmente, lavar as mãos do que expurgar o coração, iludiram-se a si próprios os homens, tendo-se como quites para com Deus, por se conformarem com aquelas práticas, conservando-se tais quais eram, visto se lhes ter ensinado que Deus não exigia mais do que isso. Daí o haver dito o profeta: É em vão que este povo me honra de lábios, ensinando máximas e ordenações humanas.

Verificou-se o mesmo com a doutrina moral do Cristo, que acabou por ser atirada para segundo plano, donde resulta que muitos cristãos, a exemplo dos antigos judeus, consideram mais garantida a salvação por meio das práticas exteriores, do que pelas da moral. É a essas adições, feitas pelos homens à lei de Deus, que Jesus alude, quando diz: Arrancada será toda planta que meu Pai celestial não plantou.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

O objetivo da religião é conduzir a Deus o homem. Ora, este não chega a Deus senão quando se torna perfeito. Logo, toda religião que não torna melhor o homem, não alcança o seu objetivo. Toda aquela em que o homem julgue poder apoiar-se para fazer o mal, ou é falsa, ou está falseada em seu princípio. Tal o resultado que dão as em que a forma sobreleva ao fundo. Nula é a crença na eficácia dos sinais exteriores, se não obsta a que se cometam assassínios, adultérios, espoliações, que se levantem calúnias, que se causem danos ao próximo, seja no que for. Semelhantes religiões fazem supersticiosos, hipócritas, fanáticos; não, porém, homens de bem.

 Não basta se tenham as aparências da pureza; acima de tudo, é preciso ter a do coração.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

Estudo Metódico do Pentateuco Kardequiano III. Verdadeira pureza. Mãos não lavadas

Nº 317 – 23/06/2013

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

240. Se a riqueza é causa de muitos males, se exacerba tanto as más paixões, se provoca mesmo tantos crimes, não é a ela que devemos inculpar, mas ao homem, que dela abusa, como de todos os dons de Deus. Se somente males houvesse de produzir, Deus não a teria posto na Terra. Compete ao homem fazê-la produzir o bem. Se não é um elemento direto de progresso moral, é, sem contestação, poderoso elemento de progresso intelectual.

(Cap. XVI, item 7)

241. Com efeito, o homem tem por missão trabalhar pela melhoria material do planeta. Cabe-lhe desobstruí-lo, saneá-lo, dispô-lo para receber um dia toda a população que a sua extensão comporta. Para alimentar essa população que cresce incessantemente, preciso se faz aumentar a produção. E para isso são necessários recursos.

(Cap. XVI, item 7)

242. Há na Terra, ricos e pobres, porque sendo Deus justo, como é, a cada um prescreve trabalhar a seu turno. A pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação; a riqueza é, para os outros, a prova da caridade e da abnegação.

(Cap. XVI, item 8)

243. Os bens da Terra pertencem a Deus, que os distribui a seu grado, não sendo o homem senão o usufrutuário, o administrador mais ou menos íntegro e inteligente desses bens. Tanto eles não constituem propriedade individual do homem, que Deus frequentemente anula todas as previsões e a riqueza foge àquele que se julga com os melhores títulos para possuí-la.

(Cap. XVI, item 10, M., Espírito protetor)

244. Direis que isso se compreende no tocante aos bens hereditários, porém não relativamente aos que são adquiridos pelo trabalho. Sem dúvida alguma, se há riquezas legítimas, são estas últimas, quando honestamente conseguidas, porquanto uma propriedade só é legitimamente adquirida quando, da sua aquisição, não resulta dano para ninguém. Contas serão pedidas até mesmo de um único ceutil mal ganho, isto é, com prejuízo de outrem.

(Cap. XVI, item 10, M., Espírito protetor)

245. Rico! Dá do que te sobra; faze mais: dá um pouco do que te é necessário, porquanto o de que necessitas ainda é supérfluo. Mas, dá com sabedoria. Não repilas o que se queixa, com receio de que te engane; vai às origens do mal. Alivia, primeiro; em seguida, informa-te, e vê se o trabalho, os conselhos, mesmo a afeição não serão mais eficazes do que a tua esmola. Difunde em torno de ti, com os socorros materiais, o amor de Deus, o amor do trabalho, o amor do próximo. Coloca tuas riquezas sobre uma base que nunca lhes faltará e que te trará grandes lucros: a das boas obras. A riqueza da inteligência debes utilizá-la como a do ouro. Derrama em torno de ti os tesouros da instrução; derrama sobre teus irmãos os tesouros do teu amor e eles frutificarão.

(Cap. XVI, item 11, Cheverus)

246. Sendo o homem o depositário, o administrador dos bens que Deus lhe pôs nas mãos, contas severas lhe serão pedidas do emprego que lhes haja ele dado, em virtude do seu livre-arbítrio. O mau uso consiste em os aplicar exclusivamente na sua satisfação pessoal; bom é o uso, ao contrário, todas as vezes que deles resulta um bem qualquer para outrem. O merecimento de cada um está na proporção do sacrifício que se impõe a si mesmo.

(Cap. XVI, item 13, Fénelon)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

247. A beneficência é apenas um modo de empregar-se a riqueza; ela dá alívio à miséria presente; aplaca a fome, preserva do frio e proporciona abrigo ao que não o tem. Dever, porém, igualmente imperioso e meritório é o de prevenir a miséria. Tal, sobretudo, a missão das grandes fortunas, missão a ser cumprida mediante os trabalhos de todo gênero que com elas se podem executar.

(Cap. XVI, item 13, Fénelon)

248. Se, entretanto, Jesus fala principalmente das esmolas, é que naquele tempo e no país em que ele vivia não se conheciam os trabalhos que as artes e a indústria criaram depois e nas quais as riquezas podem ser aplicadas utilmente para o bem geral. A todos os que podem dar, pouco ou muito, direi, pois: Dai esmola quando for preciso; mas, tanto quanto possível, convertei-a em salário, a fim de que aquele que a receba não se envergonhe dela.

(Cap. XVI, item 13, Fénelon)

249. O amor aos bens terrenos constitui um dos mais fortes óbices ao vosso adiantamento moral e espiritual. Pelo apego à posse de tais bens, destruí as vossas faculdades de amar, com as aplicardes todas às coisas materiais.

(Cap. XVI, item 14, Lacordaire)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

Crônicas e Artigos

Nº 331 – 29/09/2013

O Consolador – (Jane Marins Vilela)

III. Verdadeira pureza. Mãos não lavadas

Fagulhas de esperança

“Contemplai, pois, durante a noite, na hora do repouso e da prece, essa abóbada azulada, e entre as inumeráveis esferas que brilham sobre as vossas cabeças, procurai as que levam a Deus, e pedi que um mundo regenerador vos abra o seu seio, após a expiação na Terra.”

– Santo Agostinho (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. III, item 18.)

Nosso olhar há muito pousa sobre as crianças reencarnadas, na expectativa de vermos um comportamento que nos evidencie a proximidade da tão falada regeneração do nosso planeta Terra. Temos visto, sim, inteligências enormes, mas como sabemos que o amor segue à frente, são comportamentos amorosos que procuramos. O comportamento revela o Espírito desde a mais tenra idade e é trabalho para os pais a educação dos sentimentos. Alguns já nascem com bons sentimentos, outros revelam profundo aprendizado a ser conquistado.

Allan Kardec comenta, no capítulo VIII do Evangelho supracitado, no item 3, que o Espírito da criança pode ser muito antigo, e que ele traz ao renascer na vida corpórea as imperfeições de que não se livrou nas existências precedentes. Diz ele que somente um Espírito que chegou à perfeição poderia dar-nos o modelo da verdadeira pureza. Nesse caso, aqui na Terra, somente nosso amado mestre Jesus.

Na questão 379 de O Livro dos Espíritos, ele pergunta se o Espírito que anima o corpo de uma criança é tão desenvolvido como o de um adulto e os Espíritos respondem que pode ser mais, se mais progrediu; não são senão os órgãos imperfeitos que o impedem de se manifestar. Ele age de acordo com o instrumento, com a ajuda do qual pode se manifestar.

Na questão 385 do mesmo livro, com referência às mudanças de caráter, observadas principalmente ao sair da adolescência, os Espíritos dizem a Kardec:

– Não conheceis os segredos que escondem as crianças em sua inocência, não sabeis o que são, o que foram e o que serão.

– Mesmo para uma criança naturalmente má, cobrem-se-lhe as faltas com a não consciência de seus atos.

– Os Espíritos entram na vida corporal para se aperfeiçoar, se melhorar; a fraqueza da pouca idade os torna flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que os devem fazer progredir. É quando se pode reformar seu caráter e reprimir-lhes as más inclinações; tal é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada pela qual deverão responder.

Sabemos que há pais que exercem bem sua missão, educam seus filhos, e há pais que promovem um verdadeiro abandono da educação. Há aqueles que muito amam e outros que promovem maus tratos, ignorância do amor.

Somente teremos um mundo melhor amanhã se nos melhorarmos e se nossas crianças aprenderem a amar e ter educação para, por sua vez, saberem educar a outros. Um dia a lei do Cristo regerá os homens e todos se tratarão com a bondade e o amor que gostam de receber. Há Espíritos que brilham na Terra, já sabendo viver o amor e serem exemplos para muitos, e outros que ainda não o conseguem, mas um dia conseguirão. Repetimos que o comportamento revela o Espírito.

As atitudes corretas e o amor indicam em que grau da escala espírita, contida em O Livro dos Espíritos se encontra determinado ser. Não basta inteligência apenas; essa é uma asa de liberdade para ascensão para a luz, mas é a asa do amor a que segue à frente, conforme comenta Emmanuel, através da psicografia de Chico Xavier.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

Uma mãe esclarecida, que educa bem seus filhos, tendo um com 20 anos e outro com seis anos, ambos excelentes, nos contou toda feliz a “lição” que seu filho mais jovem lhe deu. Esse menino, a quem chamaremos Vicente, tem sido alvo de nossa observação há algum tempo.

Ele é cativante, comunicativo, amoroso, alegre, envolve a todos com sua presença. Já chegamos a pensar que ele é um dos que vão fazer a diferença, para um mundo melhor amanhã. A mãe, num grupo que comentava sobre as dificuldades de educação e mau comportamento das crianças, devido ao descaso dos pais, disse, alegre: - O Vicente me aprontou uma, vejam que menino! Eu quis me afundar no chão com a colocação dele!

Ao se perguntar o que ele fez, ela relatou a história:

– Ele estava na minha cama, pediu para dormir comigo e eu deixei, pois o pai teria turno de trabalho à noite e não viria dormir em casa.

Depois da prece, que fizemos juntos, antes de dormir, ele soltou um profundo suspiro e disse: eu só queria poder brincar em paz, na hora do recreio! Aí eu perguntei: o que está havendo, Vicente? Algum problema na escola? Ele respondeu: sabe o que é, mãe? Eu estudo numa sala onde somos cinco meninos e nove meninas.

No recreio, o nosso grupo de cinco, nos reunimos para brincar e as meninas não deixam.

Quando elas veem que vamos brincar, elas se juntam em grupos de duas ou três e correm atrás de todos nós, nos prendem, pois elas são maiores do que nós e mais fortes, nos levam para o portão e nos prendem lá, não deixam a gente sair. Ficamos presos até a hora do recreio acabar.

– Digam a elas que vocês não estão gostando disso e peçam para elas pararem, disse eu.

– Não adianta mãe, ele continuou, já pedimos e pedimos e elas não atendem.

– Então, meu filho, disse eu, o remédio é vocês também fazerem isso com elas. Peguem uma de cada vez, uma por dia em três de vocês, imprensem no portão e não deixem sair. Aí elas verão que isso incomoda e vão deixar vocês em paz.

Foi aí que eu quis me afundar no chão, de vergonha do que falei, com a resposta dele:

– Mas, mãe, você acha que se combate violência com violência? Não dá certo. Violência não se vence com violência. Tem que ser de outro jeito.

E o que você sugere? - perguntei.

– Primeiro, nós vamos, o nosso grupo, falar com a diretora da escola. Se ela não resolver, aí nós vamos convidar as meninas para fazerem parte do nosso grupo!

Grande lição de uma criança para alguns adultos que ainda teimam em ser violentos! Maturidade espiritual numa criança de seis anos, que nessa ocasião foi o mestre da própria mãe!

Essa história nos faz pensar que realmente estamos com muitos Espíritos melhores reencarnados na Terra e nos dá esperanças para um futuro mais amoroso e manso, sem agressões.

“Bem-aventurados os mansos, pois eles possuirão a Terra”, disse Jesus. Tenhamos esperanças e continuemos a plantar sementes de amor onde passarmos. Um dia, elas frutificarão. Um dia seremos felizes e olharemos as estrelas da abóbada azulada pensando num planeta de regeneração e estaremos, enfim, num deles!

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

4. Escândalos. Se a vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a

11. Se algum escandalizar a um destes pequenos que creem em mim, melhor lhe fora que lhe atassem ao pescoço uma dessas mãos que um asno faz girar e que o lançassem ao fundo do mar. Ai do mundo, por causa dos escândalos; pois é necessário que venham escândalos; mas ai do homem por quem o escândalo venha.

Tende muito cuidado em não desprezar um destes pequenos. Declaro-vos que seus anjos no céu veem incessantemente a face de meu Pai que está nos céus, porquanto o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido.

Se a vossa mão ou o vosso pé é objeto de escândalo, cortai-os e lançai-os longe de vós; melhor será para vós que entreis na vida tendo um só pé ou uma só mão, do que terdes dois e serdes lançados no fogo eterno. Se o vosso olho vos é objeto de escândalo, arrancai-o e lançai-o longe de vós; melhor para vós será que entreis na vida tendo um só olho, do que terdes dois e serdes precipitados no fogo do inferno.
(Mateus, 5:29 e 30; 18:6 a 11.)

12. No sentido vulgar, escândalo se diz de toda ação que de modo ostensivo vá de encontro à moral ou ao decoro. O escândalo não está na ação em si mesma, mas na repercussão que possa ter. A palavra escândalo, porque este lhes faria sofrer o orgulho, lhes acarretaria perda de consideração da parte dos homens. Desde que as suas torpezas fiquem ignoradas, é quanto basta para que se lhes conserve em repouso a consciência. São, no dizer de Jesus: “sepulcros branqueados por fora, mas cheios, por dentro, de podridão; vasos limpos no exterior e sujos no interior”.

No sentido evangélico, a acepção da palavra escândalo, tão amiúde empregada, é muito mais geral, pelo que, em certos casos, não lhe apreende o significado. Já não é somente o que afeta a consciência de outrem, é tudo o que resulta dos vícios e das imperfeições humanas, toda reação má de um indivíduo para outro, com ou sem repercussão. O escândalo, neste caso, é o resultado efetivo do mal moral.

13. É preciso que haja escândalos no mundo, disse Jesus, porque imperfeitos, como são na Terra, os homens se mostram propensos a praticar o mal, e porque, árvores más, só maus frutos dão. Deve-se, pois, entender por essas palavras que o mal é uma consequência da imperfeição dos homens, e não que haja, para estes, a obrigação de praticá-lo.

14. É necessário que o escândalo venha, porque, estando em expiação na Terra, os homens se punem a si mesmos pelo contato de seus vícios, cujas primeiras vítimas são eles próprios e cujos inconvenientes acabam por compreender. Quando estiverem cansados de sofrer devido ao mal, procurarão remédio no bem. A reação desses vícios serve, pois ao mesmo tempo, de castigo para uns e de provas para outros. É assim que do mal tira Deus o bem e que os próprios homens utilizam as coisas más ou as escórias.

15. Sendo assim, dirão, o mal é necessário e durará sempre, porquanto, se desaparecesse, Deus se viria privado de um poderoso meio de corrigir os culpados. Logo, é inútil cuidar de melhorar os homens. Deixando, porém, de haver culpados, também desnecessário se tornariam quaisquer castigos. Suponhamos que a Humanidade se transforme e passe a ser constituída de homens de bem: nenhum pensará em fazer mal ao seu próximo e todos serão ditosos por serem bons. Tal a condição dos mundos elevados, donde já o mal foi banido; virá a ser a terra, quando houver progredido bastante. No entanto, ao mesmo tempo que alguns mundos se adiantam, outros se formam, povoados de Espíritos primitivos e que, além disso, servem de habitação, de exílio e de estância expiatória a Espíritos imperfeitos, rebeldes, obstinados no mal, expulsos de mundos que se tornaram felizes.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

16. Mas ai daquele por quem venha o escândalo. Quer dizer que o mal sendo sempre o mal, aquele que a seu mau grado servir de instrumento à justiça divina, aquele cujos maus instintos foram utilizados, nem por isso deixou de praticar o mal e de merecer punição. Assim é, por exemplo, que um filho ingrato é uma punição ou uma prova para o pai que sofre com isso, porque esse pai talvez tenha sido um mau filho, que fez sofrer o seu pai, Passa ele pela pena de talião, mas essa circunstância não pode servir de escusa ao filho que, a seu turno, terá de ser castigado em seus próprios filhos, ou de outra maneira.

17. Se vossa mão é causa de escândalo, cortai-a. Figura enérgica esta, que seria absurda se tomada ao pé da letra, e que apenas significa que cada um deve destruir em si toda causa de escândalo, isto é, de mal; arrancar do coração todo sentimento impuro e toda tendência viciosa. Quer dizer também que, para o homem, mais vale ter cortada, uma das mãos, antes que servir essa mão de instrumento para uma ação má; ficar privado da vista, antes que lhe servirem os olhos para conceber maus pensamentos. Jesus nada disse de absurdo, para quem quer que apreenda o sentido alegórico e profundo das suas palavras. Muitas coisas, entretanto, não podem ser compreendidas sem a chave que para as decifrar o espiritismo faculta.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

Crônicas e Artigos

IV. Escândalos. Se a vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a

Nº 8 – 06/06/2007

O Consolador – (Leonardo Machado)

A lição da espada

Indubitavelmente, a Lei de ação e reação é a grande escritora dos capítulos que compõem os livros dos destinos dos seres.

O que Newton, sabiamente, descobrira e escrevera sobre a ciência, ao que se percebe, igualmente, é válido para a harmonia universal, não só dos astros e das forças ditas físicas, mas, também, das intrincadas tramas das vidas do Espírito.

E, ao que se depreende, outrossim, os antigos, antes dele, sabiam disso.

O grande sexto rei da primeira dinastia babilônica, Hamurábi, em seu famoso “Código de Hamurábi”, um dos mais antigos conjuntos de leis do qual se tem notícia, colocava como sendo o seu princípio geral a reciprocidade que deveria existir entre o delito e a pena aplicada.(1) Tal conduta seria conhecida como lei de Talião, a qual seria mais difundida pelo seu enunciado filosófico: “olho por olho, dente por dente.”

As leis ensinadas pelos Hebreus na Torah, de certo modo, assemelham-se, apesar de não por completo, com estas babilônicas. Moisés, desse modo, ao lado dos Dez Mandamentos, espelhos fiéis das palavras de Deus aos homens, colocara, sabiamente, também, no contexto das leis sociais de seu povo ainda muito endurecido aspectos semelhantes ao de Hamurábi, os quais, embora tomassem o gérmen da lei universal, não correspondiam, em totalidade, com a vontade de Deus.

A Lei de Talião, nesse sentido, traz, em sua essência, a semente da lei de ação e reação criada por Deus. Eis por que não foi por acaso que Jesus, corroborando com outras palavras esses ensinamentos, dissera: **“quem com a espada fere, com a espada será ferido”** (2); e, de igual maneira, enunciara:

“se a vossa mão ou o vosso pé vos é objeto de escândalo, cortai-os e lançai-os longe de vós”. (3)

O Mestre maior, no entanto, viera retirar o espírito de todas as coisas. Desse modo, conseguia, judeu que Era, saber as leis ensinadas pela Torah, porém, iluminado pelo amadurecimento do seu Eu, ia além. Assim, extraía a essência dessas leis, revestindo-as com roupagens mais sublimes, renovador que fora, pois que deixava de lado as restrições da letra.

Relembrando, pois, os ensinamentos do Deuteronômio (amor a Deus) (4) e do Levítico (amor ao próximo) (5), unindo-os, colocou neles uma abordagem inusitada, nunca dantes feita no orbe. Dessa forma, ao ensinar a Lei de amor, como sendo o ponto culminante de toda sabedoria e de todo sentimento, viera dar uma nova visão à humanidade. Inclusive, neste aspecto.

Ao primeiro momento, por certo, com um olhar menos detido, as recomendações de Jesus de amarmos o inimigo, de perdoarmos sempre, de retribuirmos o mal com o bem e de darmos a outra a face parecem chocar-se com a lei do olho por olho. E, de fato, chocam-se. No entanto, somente com os excessos contidos nela, não com o seu princípio geral e fundamental que é o do retorno.

Isso porque os erros ainda são comuns e, mesmo, inevitáveis na atual conjuntura evolutiva terrestre de seres muito imperfeitos. Mas à Lei feita por Deus é que compete o chamamento do pagamento e não às mãos dos homens. Não fora por acaso, dessa maneira, que Jesus dissera: **“ai do homem por quem o escândalo venha”** (6), ou mesmo, segundo algumas traduções:

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

“ai do mundo por causa dos incitamentos ao pecado; é inevitável que venham esses incitamentos, mas ai do homem por quem eles vierem” (7); ensinando, nesses termos, a Pedro, quando este indevidamente pensara, possivelmente influenciado pela cultura da época, fazer justiça com a própria espada:

“Pedro, embainha tua espada.” (8)

A lição da espada ensinada por Jesus a Pedro, portanto, mantém e corrobora aquilo que havia de legítimo, do ponto de vista divino, na lei de Talião, que era o princípio da lei de ação e reação. Contudo, ela vai além.

Ao ensinar a lei de amor com a retribuição sempre benéfica que conduz, amplia aquela, retirando os excessos que nela havia, mostrando, assim, que não compete aos homens, tão imperfeitos, ser o instrumento da justiça divina. Para estes cabe a função de amar e de perdoar, já que Deus não necessita de vingadores, mas de pacificadores.

– “É a vontade de Deus” – dizem alguns para tudo.

Deus, contudo, não castiga, nem recompensa ninguém.

Fez, ao contrário, leis iniludíveis e eternas.

Muitos fatos, nesse ínterim, não seriam reações consequentes de ações do ser?

– “A mim, compete a tarefa de fazer valer a justiça de Deus” – pensam algumas mentes pequenas.

Deus, no entanto, a força incausada, imensurável e infinita em suas potencialidades, precisaria de seres tão causais, mensuráveis e finitos para fazer valer os seus desígnios?

Eis por quê.

O amor, mais uma vez, é o divino complemento da espada.

É ele o escudo que protege e que não fere!

A mola que suaviza o impacto.

E a pedra que desfaz o gume.

(1). **Wikipédia** a enciclopédia livre.

(2). **São mateus** – (26:52.)

(3). **São mateus** – (18:6 a 11; V: 29 a 30.)

(4). **Deuteronômio** – (6:5.)

(5). **Levítico** – (19:18.)

(6). **São mateus** – (18:7.)

(7). **São mateus** – (18:7.)

(8). **São mateus** – (18:20 a 24.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

5. Instruções dos Espíritos 1 Deixai que venham a mim as criancinhas

18. Disse o Cristo: “Deixai que venham a mim as criancinhas.” Profundas em sua simplicidade, essas palavras não continham um simples chamamento dirigido às crianças, mas, também, o das almas que gravitam nas regiões inferiores, onde o infortúnio desconhece a esperança. Jesus chamava a si a infância intelectual da criatura formada: os fracos, os escravizados e os viciosos. Ele nada podia ensinar à infância física, presa à matéria, submetida ao jugo do instinto, ainda não incluída na categoria superior da razão e da vontade que se exercem em torno dela e por ela.

Queria que os homens a ele fossem com a confiança daqueles entezinhos de passos vacilantes, cujo chamamento conquistava, para o seu, o coração das mulheres, que são todas mães. Submetia assim as almas à sua terna e misteriosa autoridade. Ele foi o facho que ilumina as trevas, a claridade matinal que toca a despertar; foi o iniciador do Espiritismo, que a seu turno atrairá para ele, não as criancinhas, mas os homens de boa vontade. Está empenhada a ação viril; já não se trata de crer instintivamente, nem de obedecer maquinalmente; é preciso que o homem siga a lei inteligente que se lhe revela na sua universalidade.

Meus bem-amados, são chegados os tempos em que, explicados, os erros se tornarão verdades. Ensinar-vos-emos o sentido exato das parábolas e vos mostraremos a forte correlação que existe entre o que foi e o que é. Digo-vos, em verdade: a manifestação espírita avulta no horizonte, e aqui está o seu enviado, que vai resplandecer como o Sol no cume dos montes. (João Evangelista, Paris, 1863.)

19. Deixai venham a mim as criancinhas, pois tenho o leite que fortalece os fracos. Deixai venham a mim os que, tímidos e débeis, necessitam de amparo e consolação. Deixai venham a mim os ignorantes, para que eu os esclareça. Deixai venham a mim todos os que sofrem, a multidão dos aflitos e dos infortunados: Eu lhes ensinarei o grande remédio que suaviza os males da vida e lhes revelarei o segredo da cura de suas feridas! Qual é, meus amigos, esse bálsamo soberano, que possui tão grande virtude, que se aplica a todas as chagas do coração e as cicatriza? É o amor, é a caridade! Se possuís esse fogo divino, que é o que podereis temer? Direis a todos os instantes de vossa vida: “Meu Pai, que a tua vontade se faça e não a minha; se te apraz experimentar-me pela dor e pelas tribulações, bendito sejas, porquanto é para meu bem, eu o sei, que a tua mão sobre mim se abate. Se é do teu agrado, Senhor, ter piedade da tua criatura fraca, dar-lhe ao coração as alegrias sãs, bendito sejas ainda. Mas faze que o amor divino não lhe fique amodorrado na alma, que incessantemente faça subir aos teus pés o testemunho do seu reconhecimento!”

Se tendes amor, possuís tudo o que há de desejável na Terra, possuís preciosíssima pérola, que nem os acontecimentos, nem as maldades dos que vos odeiem e persigam poderão arrebatá-la. Se tendes amor, tereis colocado o vosso tesouro lá onde os vermes e a ferrugem não o podem atacar e vereis apagar-se da vossa alma tudo o que seja capaz de lhe conspurcar a pureza; sentireis diminuir dia a dia o peso da matéria e, qual pássaro que adeja nos ares e já não se lembra da Terra, subireis continuamente, subireis sempre, até que vossa alma, inebriada, se farte do seu elemento de vida no seio do Senhor.

(Um Espírito protetor, Bordeaux, 1861)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

Crônicas e Artigos

Nº 286 – 11/11/2012

O Consolador – (Jane Marins Vilela)

V. Instruções dos Espíritos.

I. Deixai que venham a mim as criancinhas

Suave chamado

“Apresentaram-lhe então criancinhas, a fim de que ele as tocasse; e, como seus discípulos afastassem com palavras rudes aqueles que as apresentavam, Jesus, vendo isso, zangou-se e lhes disse: Deixai que venham a mim as criancinhas, e não as impeçais, porque o reino dos céus é para aqueles que se lhes assemelham.”

– Jesus (Marcos, cap. 10, versículos 13 a 16.)

Ser tocado por Jesus, tocado por suas mãos luminosas, tocado na alma, ouvir seu chamado:

“Vinde a mim. Amai-vos uns aos outros – antes de irdes depositar a oferenda no altar, reconciliai-vos com vosso adversário. Se quiserdes ser o maior, sede o menor, o servo de todos.”

Trajatória bendita e, mais que nunca, necessária. Ser tocado na alma. Amar a Jesus e buscá-lo sem fanatismo, mas no âmago, sentindo a beleza de seus ensinamentos, amando-os e vivê-los cotidianamente por serem a beleza, por serem a alegria, por estarem na centelha divina que habita a morada interior do ser, simplesmente por ser o certo, por estar seu ensinamento insculpido na consciência, e aquele que vivê-lo integralmente, não importa qual o credo cristão que exercite, ficará em paz consigo, por agir com o respeito que gostaria de receber.

A trajetória do cristão na atualidade não é tão difícil. O difícil é convencer-se dessa necessidade. Para isso é preciso aumentar o conhecimento, imbuir-se das histórias de Jesus e encantar-se com elas, imergir nas histórias dos primeiros cristãos e desejar seguir seus exemplos e, não sendo mais necessário o martírio dos corpos, no sacrifício da morte, para testemunhá-lo, fazê-lo na atualidade, intimamente, na alma, no coração, nos gestos, no anonimato, sempre. Todo o tempo. Isso requer autoconhecimento.

Enxergar-se, observar seus sentimentos, ver seus defeitos e lutar por corrigi-los, sem exigir virtudes nos outros, mas aceitar os semelhantes com suas escolhas, compreendendo-os e, sem acusá-los, exemplificar constantemente o bem. O bem-estar íntimo faz valer esse esforço. Aproximar-se do amor deve ser o fanal de nossa caminhada humana.

Jesus é nosso modelo e guia, por quem devemos envidar nossos esforços. Direcionarmos para ele, encantarmos-nos com ele. Talvez alguns pensem que não é possível, que a Terra não o permite. Permite, sim. Para tudo, basta a vontade. A vontade impulsiona o ser. Estamos distantes, sim, do nosso Mestre amado, distantes da angelitude necessária, mas ele mesmo disse: Permanecei em mim, que eu permanecerei em vós. Estamos, sim, distantes do amor, como integralmente esse tenha que ser vivido e compreendido, mas é preciso aproximar-nos dele, buscá-lo, com o coração desejoso de melhorar-se, alçar o voo de libertação das tenazes amarras da Terra.

É preciso alcandorar-se, olhar as estrelas, pensar nas muitas moradas da casa do Pai, sonhar. Sonhar com um mundo melhor amanhã, guardar esperanças na alma, não desalentar. É preciso encantar-se com a beleza. Parar para ver o pôr de sol, a beleza das flores, o voo dos pássaros, a vida. Sentir a vida. Ser agradecido pela vida. O Espírito imortal pode alçar às estrelas, pode sonhar, pode encher-se de esperanças, pode melhorar. Por mais dolorosa esteja a realidade da Terra, o comando está nas mãos de Jesus.

O que deveríamos temer, se ele acalmava as tempestades e curava as enfermidades? Deveríamos antes temer nosso comodismo, porque àquele a quem muito foi dado muito será pedido. O cristão recebeu um ensinamento de amor.

O espírita recebeu as provas desse amor divino, a certeza da imortalidade, a comunicação dos Espíritos, a compreensão do Evangelho de Jesus, porque Espiritismo e Cristianismo são uma e a mesma coisa e o espírita deve caracterizar-se como o verdadeiro cristão.

Tragamos Jesus para a nossa atitude, nosso coração, nossa vivência. O mundo está melhorando, sim. Tenhamos fraternidade uns com os outros e compreendamos quando Kardec foi

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

orientado que o Espiritismo não seria a religião do futuro, mas esta será a religião do Cristo, quando todos falarão a mesma linguagem do amor universal e a verdade for vivida por todos.

Preparemo-nos para um amanhã melhor, que será conquistado à custa de grandes lutas interiores, processos de autoiluminação, sacrifício do “eu”, libertação pelo amor.

A geração que está vindo necessita de nossos exemplos de amor. Vivenciemos o amor. Os pequeninos, a quem Jesus chamou, somos todos nós, mas também as criancinhas de todos os tempos que, para melhorarem nosso mundo, precisam encontrar um campo de paz propício para sua vivência de amor. Todos, indiscutivelmente, estão vendo a inteligência dessa nova geração.

Estão se revelando nesse campo, mas é preciso amar para alçar o voo de esperanças para a Terra. As duas asas, amor e sabedoria, precisam se mover juntas para o voo ser harmônico.

O Espírito se revela desde o berço, mostra suas tendências boas ou más desde cedo. E é preciso ajudá-lo. Inteligências primorosas estão vindo para a Terra, é preciso regar a inteligência com amor.

Provavelmente, muitos poderiam contar histórias de inteligências despontando, entre as crianças, nós, também, poderíamos relatar dezenas delas, mas nos ateremos a uma, que representaria o que grande parte de nós observa.

Há poucos meses conversamos com um menino de 3 anos e meio. Muito vivo, comunicativo e carinhoso, alto, pensamos até que tinha uns 5 anos, mas eram só 3 e meio mesmo. Na periferia, sem posses econômicas, ainda não vai para a escola, é cuidado pelos avós, enquanto a mãe trabalha. “Tia”, disse ele, ao se aproximar de nós, “eu já sei ler, aprendi sozinho”. “Verdade?”, perguntamos. Pensamos que ele conhecia uma letrinha ou outra, pois a grande maioria faz isso, diz que sabe, com toda a pompa, estando na escola e mostra as letras A ou B, soletrando, na maior alegria, para mostrar que sabe.

Esse menino nos olhou e perguntou: “Quer ver?” e, ao nosso sim, pegou o cartão onde estava nosso nome e leu: Jane. Nós festejamos: Você sabe ler mesmo! E ele se voltou para a parede, onde há uma palavra que mesmo alguns adultos da periferia não leem com facilidade: puericultura. Ele leu com a maior desenvoltura. Os avós confirmaram que ele aprendeu sozinho, não o ensinaram. Ele comentou: Também estou aprendendo os números sozinho!

É a nova geração. Pensamos como ficará ao entrar para a escola. Pedimos a Deus que não seja bloqueado no seu desejo de saber, que encontre uma boa escola. Que os adultos estejam preparados para essas crianças e lhes deem os estímulos devidos e o amor que já estão demonstrando. Esse menino que citamos é muito carinhoso, assim como as dezenas de outros que nos estão revelando essa inteligência incomum. São carinhosos.

Esses carinhosos, bondosos, inteligentes demais, sofrerão um pouco por aqui. Serão incompreendidos, sofrerão a violência dos agressivos, mas, se tiverem amor real e exemplos verdadeiros do bem, nada os retirará do caminho reto. Saberão desempenhar, a pedido do Cristo, uma tarefa de amor na Terra, mas o adulto precisa ajudá-los.

Que a inteligência e o amor se encontrem, a razão e a emoção, o raciocínio e o sentimento. Então se instalará o equilíbrio, a paz.

Espiritismo é rota de equilíbrio. Espiritismo é Jesus conosco. Espiritismo é socorro divino.

Vivamos o Espiritismo na alma, no cérebro, no coração. Conhecimento e amor devem se entrelaçar para a vitória final do bem.

Nossas crianças são nossas esperanças para o amanhã. As crianças bem conduzidas ouvirão o suave chamado de Jesus. Que possamos nós, os espíritas cristãos do presente, estar com Jesus, ouvir seu chamado, atendê-lo, amar. Nossas crianças nos observam. Sejam exemplos de paz. Amemos e sigamos intemoratos até nossa vitória final sobre nós mesmos, a vitória suprema do bem, sempre com Jesus.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

Crônicas e Artigos

Nº 262 – 27/05/2012

O Consolador – (Jane Marins Vilela)

V. Instruções dos Espíritos.

I. Deixai que venham a mim as criancinhas

Flores e esperança

“Deixai que venham a mim as criancinhas e não as impeçais, porque o reino dos céus é para aqueles que se lhes assemelham. E as tendo abraçado, as abençoou, impondo-lhes as mãos.”

– Marcos (cap. 10, versículos 13 a 16.)

A reencarnação – ou seja, as vidas sucessivas do Espírito para seu aprimoramento, sua evolução, para alcançar a plenitude espiritual e a felicidade – é a grande fonte de consolo para os homens, no momento em que sua compreensão esclarece a Justiça Divina. A doutrina espírita torna-se a fonte da água, viva da consolação, enxugando as lágrimas humanas com a fé racional e a esperança.

A nova geração sempre é mencionada, esperanças têm sido depositadas nos Espíritos que estão reencarnando no planeta, os quais, teoricamente, deveriam estar em situação mais amorosa e melhor do que aqueles que partem. Estamos, no entanto, observando extremos: aqueles que já demonstram muito amor e são carinhosos, sabendo distribuir afeto e tendo compaixão pelos sofrimentos alheios, e os agressivos, indiferentes à dor dos passantes, muitas vezes provocadores de dores nos semelhantes. Espíritos violentos desde o berço, ao nascerem, ou amorosos desde que nascem!

É o momento crucial da separação do joio e do trigo. As máscaras caem, os sentimentos se revelam, momento em que quem segue verdadeiramente o bem e o amor deve manter-se fiel na linha reta em direção à paz da consciência, sem jamais desistir, apesar dos percalços da jornada árdua da luta humana, apesar das incompreensões de que é vítima.

A mídia tem investido muito em notícias de crimes, mostrando crianças agindo com crueldade, o que leva muitos a duvidarem dessa geração. Fomenta-se a desesperança, mas é a propaganda do mal. Não nos enganemos, o bem há de triunfar sobre a Terra. O amor tem crescido muito e está operante; silenciosamente, mas incessantemente, o amor continua o seu labor, portas adentro do coração dos homens.

Seria bom que as pessoas de vez em quando desligassem um pouco a TV, quando esta estiver divulgando o mal, não fugindo da necessidade da informação, mas demonstrando que, bem informados sobre tudo, estamos cansados da divulgação do mal e queremos mais a divulgação do maravilhoso bem que vive em toda a parte, em gestos de amor que acontecem o tempo todo. Faz-se necessária a maior propaganda do bem para que ele incendeie os ainda tibios e dê-lhes coragem nessa hora difícil que atravessamos.

Relataremos um fato que vivenciamos que nos deu esperanças nessa nova geração, esperança que o conhecimento espírita tem mantido acesa mesmo quando vemos tantas notícias tristes.

Há uma semana plantamos num gramado em frente do nosso prédio, várias roseiras. Fizemos um círculo com nove roseiras floridas ao redor de um manacá da serra coberto de flores. Ficaram lindas as roseiras com rosas de variadas cores, amarelas, rosa, laranja, brancas, vermelhas. No fim da tarde, quando descemos para verificar se tudo estava bem com as flores, vimos uma menininha, que nos disse chamar-se Vitória, de cerca de três anos, delicada, cabelos castanho-claros até a cintura, pedalando seu velocípede. Quando viu as rosas, saiu correndo do velocípede em direção a elas. A mãe, de longe gritou: Nas flores, não!

Percebemos que ela corria com delicadeza e assim chegou, mansamente, nas flores. Chegamos juntas. Vimos o modo carinhoso com que ela segurou uma rosa, que cabia inteira em suas mãos. Dissemos a ela: Isso mesmo! Com cuidado, a planta gostará de seu carinho e ficará mais bonita ainda! Ela, com muito carinho, disse à rosa: Você é linda demais! E beijou a rosa suavemente. Não se contentou em beijar apenas aquela rosa. Beijou todas as rosas de todas as roseiras, acariciando uma a uma. Deve ter beijado umas cinquenta rosas, sem exagero.

Essa cena nos encantou. É uma criança da nova geração, demonstrando respeito e amor pela natureza. A mãe nos disse que ela ama as flores. Se essa criança for bem-educada, será

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

alguém bondosa, pois já mostra isso. Como ela, milhares de outras crianças anônimas, por toda a Terra, estão desabrochando, como flores num imenso jardim.

Há, sim, esperanças na nova geração, que precisa tão-somente de amor e educação para mostrar seu valor.

No dia seguinte, ao voltarmos do trabalho, à tarde, passamos pelas roseiras. Alguém gritou: Está bem aguado? Olhamos e não vimos ninguém. “Aqui em cima!” Era a vizinha do terceiro andar, uma senhora que, sorrindo, disse: “Aguei todas hoje!” O prédio todo adotou as flores! É a primeira vez, em muitos anos que plantamos e replantamos, que estamos vendo as crianças beijando as flores e não as quebrando, que estamos vendo todos cuidando, e as flores vicejando, todas bem, com uma semana de vida, nenhuma quebrada, nenhuma arrancada, todas lindas. Elas perfazem 50 rosas de várias cores.

Há, sim, pessoas boas, pensamos. Se já fazem assim pelas flores, quanto mais de amor terão pelos homens, quando for necessário que esse amor se manifeste? Saberão, com certeza, manifestá-lo. Há esperanças e pessoas boas em toda a parte. Vamos enxergar o bem que se difunde silencioso, fora dos olhares da mídia, mas se alastra sempre e vai tomar conta da Terra inteira, não tenhamos dúvida. O bem triunfará afinal.

O esperado mundo melhor, o planeta de regeneração, numa Terra de mais amor, será realidade. Continuemos a semear o amor, sem cansaço, tendo o nosso mestre Jesus como nosso modelo e guia, incansavelmente a nos amar, aguardando por nós, desde o início do planeta.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

5. Instruções dos Espíritos 2 Bem-aventurados os que têm fechados os olhos

20. Meus bons amigos, para que me chamastes? Terá sido para que eu imponha as mãos sobre a pobre sofredora que está aqui e a cure? Ah! que sofrimento, bom Deus! Ela perdeu a vista e as trevas a envolveram. Pobre filha! Que ore e espere. Não sei fazer milagres, eu, sem que Deus o queira. Todas as curas que tenho podido obter e que vos foram assinaladas não as atribuais senão àquele que é o Pai de todos nós. Nas vossas aflições, volvei sempre para o céu o olhar e dissei do fundo do coração: “Meu Pai, cura-me, mas faze que minha alma enferma se cure antes que o meu corpo; que a minha carne seja castigada, se necessário, para que minha alma se eleve ao teu seio, com a brancura que possuía quando a criaste.” Após essa prece, meus amigos, que o bom Deus ouvirá sempre, dadas vos serão a força e a coragem e, quiçá, também a cura que apenas timidamente pedistes, em recompensa da vossa abnegação.

Contudo, uma vez que aqui me acho, numa assembleia onde principalmente se trata de estudos, dir-vos-ei que os que são privados da vista deveriam considerar-se os bem-aventurados da expiação. Lembrai-vos de que o Cristo disse convir que arrancásseis o vosso olho se fosse mau, e que mais valeria lançá-lo ao fogo, do que deixar se tornasse causa da vossa condenação. Ah! Quantos há no mundo que um dia, nas trevas, maldirão o terem visto a luz! Oh! Sim, como são felizes os que, por expiação, vêm a ser atingidos na vista! Os olhos não lhes serão causa de escândalo e de queda; podem viver inteiramente da vida das almas; podem ver mais do que vós que tendes límpida a visão! Quando Deus me permite descerrar as pálpebras a algum desses pobres sofredores e lhes restituir a luz, digo a mim mesmo: Alma querida, por que não conheces todas as delicias do Espírito que vive de contemplação e de amor? Não pedirias, então, que se te concedesse ver imagens menos puras e menos suaves, do que as que te é dado entrever na tua cegueira!

Oh! bem-aventurado o cego que quer viver com Deus. Mais ditoso do que vós que aqui estais, ele sente a felicidade, toca-a, vê as almas e pode alçar-se com elas às esferas espirituais que nem mesmo os predestinados da Terra logram divisar. Abertos, os olhos estão sempre prontos a causar a falência da alma; fechados, estão prontos sempre, ao contrário, a fazê-la subir para Deus. Crede-me, bons e caros amigos, a cegueira dos olhos é, muitas vezes, a verdadeira luz do coração, ao passo que a vista é, com frequência, o anjo tenebroso que conduz à morte.

Agora, algumas palavras dirigidas a ti, minha pobre sofredora. Espera e tem ânimo! Se eu te dissesse: Minha filha, teus olhos vão abrir-se, quão jubilosa te sentirias! Mas, quem sabe se esse júbilo não ocasionaria a tua perda! Confia no bom Deus, que fez a ventura e permite a tristeza. Farei tudo o que me for consentido a teu favor; mas, a teu turno, ora e, ainda mais, pensa em tudo quanto acabo de te dizer.

Antes que me vá, recebei todos vós, que aqui vos achais reunidos, a minha bênção.

Vianney, cura d'Ars. (Paris, 1863.)

(1) Esta comunicação foi dada com relação a uma pessoa cega, a cujo favor se evocara o Espírito de J. B. Vianney, cura d'Ars.

21. Nota. Quando uma aflição não é consequência dos atos da vida presente, deve-se-lhe buscar a causa numa vida anterior. Tudo aquilo a que se dá o nome de caprichos da sorte mais não é do que efeito da justiça de Deus, que não inflige punições arbitrárias pois quer que a pena esteja sempre em correlação com a falta. Se, por sua bondade, lançou um véu sobre os nossos atos passados, por outro lado nos aponta o caminho, dizendo: “Quem matou à espada, pela espada perecerá”, palavras que se podem traduzir assim: “A criatura é sempre punida por aquilo em que pecou.” Se, portanto, alguém sofre o tormento da perda da vista, é que esta lhe foi causa de queda. Talvez tenha sido também causa de que outro perdesse a vista; de que alguém haja perdido a vista em consequência do excesso de trabalho que aquele lhe impôs, ou de maus-tratos, de falta de cuidados, etc. Nesse caso, passa ele pela pena de talião. É possível que ele próprio, tomado de arrependimento, haja escolhido essa expiação, aplicando a si estas palavras de Jesus: “Se o teu olho for motivo de escândalo, arranca-o.”

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

Crônicas e Artigos

Nº 269 – 15/07/2012

O Consolador – (Altamirando Carneiro)

V. Instruções dos Espíritos.

II. Bem-aventurados os que têm fechados os olhos

Bem-aventurados os que têm fechados os olhos

Este é o título de uma comunicação inserida no item 20 do capítulo VIII:

(Bem-aventurados os que têm puro o coração), de (O Evangelho segundo o Espiritismo).

Ela foi transmitida com relação a uma pessoa cega, a cujo favor se evocara o Espírito de J. B. Vianney, cura d'Ars. (Paris, 1863)

No início da comunicação, o Espírito diz:

“Ela perdeu a vista e as trevas a envolveram. Pobre filha! Que ore e espere. Não sei fazer milagres, eu, sem que Deus o queira.” E espera que todas as curas que obteve devam ser atribuídas a Deus.

A mensagem diz, ainda, que os que são privados da vista deveriam considerar-se os bem-aventurados da expiação. E que o Cristo disse ser conveniente que seja arrancado o olho mau; que mais valeria lançá-lo ao fogo, do que deixar que seja causa de condenação.

Quando uma aflição terrena não encontra explicações em consequência dos atos da vida presente, deve-se procurar as causas numa vida anterior. Cada um é punido por aquilo em que pecou. No caso, a vista foi a causa da queda.

Ou, talvez, tenha sido a causa de que outro perdeu a vista, ou seja: de que alguém tenha perdido a vista em consequência do excesso de trabalho a que foi imposta, ou de maus-tratos, ou da falta de cuidados etc.. Pode também dar-se o caso de que o próprio Espírito, arrependido, tenha escolhido esta expiação, antes de reencarnar.

A lei de causa e efeito, ou de ação e reação, é uma lei divina que rege todos os elementos que compõem o Universo. Tudo o que existe, aqui e além, tem uma causa que lhe deu origem. Se a causa é fundamentada no bem, o efeito é bom; caso contrário, o efeito é maléfico.

Neste sentido, Jesus disse: “A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz: se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão tais trevas!” (Mateus, 6:22 e 23.)

Toda reação (efeito) é um estímulo para acentuar o bem e aniquilar o mal. Ao efetuar uma ação, o homem pode provocar um encadeamento de causas e efeitos que o auxiliam a crescer ou colocam-no em débito perante as leis divinas, por várias reencarnações.

No capítulo VII (As penas futuras segundo o Espiritismo), do livro O Céu e o Inferno, de Allan Kardec, item Código penal da vida futura, lê-se que o Espiritismo não se apoia numa autoridade de natureza particular para formular um código fantasioso.

Suas leis, no que toca ao futuro da alma são deduzidas de observações positivas sobre os fatos.

Deste código, destacamos os tópicos seguintes:

2º) A felicidade perfeita é inerente à perfeição, quer dizer, a purificação completa do Espírito. Toda imperfeição é, ao mesmo tempo, uma causa de sofrimento e de privação de ventura, da mesma maneira que toda qualidade adquirida é uma causa de ventura e de atenuação dos sofrimentos.

3º) Não há uma só imperfeição da alma que não acarrete consequências desagradáveis, inevitáveis, e não há uma só qualidade que não seja fonte de ventura. A soma das penas é assim proporcional à soma das imperfeições, como a dos gozos é proporcional à soma das boas qualidades.

A alma que tiver, por exemplo, dez imperfeições, sofrerá mais do que aquela que tiver apenas três ou quatro. Quando dessas dez imperfeições só lhe restarem um quarto ou a metade, ela sofrerá menos, e quando nada mais restar, ela nada sofrerá, sendo perfeitamente feliz. É como acontece na Terra: aquele que sofre de muitas doenças padece mais do que o que sofre apenas de uma ou

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

não tem nenhuma. Pela mesma razão, a alma que possui dez qualidades boas goza de mais felicidade que a outra que possui menos.

8º) A justiça de Deus sendo infinita, todo o mal e todo o bem são, rigorosamente, levados em conta. Se não há uma só ação má, um só mau pensamento que não tenha consequências fatais, também não há uma única ação boa, um só movimento da alma, numa palavra, o mais ligeiro mérito que fosse perdido. E isso, mesmo entre os mais perversos, porque representam um começo de progresso.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

Centro Espírita Bатуíra

11/2007

(Leda de Almeida Rezende Ebner)

V. Instruções dos Espíritos.

II. Bem-aventurados os que têm fechados os olhos

Bem-aventurados os que têm fechados os olhos

Assina a mensagem Vianney, Cura D'Ars.

Jean Marie Baptiste nasceu em 8 de maio de 1786, em Dardilly, aldeia próxima de Lyon.

Demonstrou desde criança um grande sentimento religioso.

Trabalhava no campo e pouco estudou. Aos vinte anos seguiu para Écully, na casa de um seu tio. Sabia ler, mas falava francês muito mal, pois, em sua casa falava-se um dialeto regional. Além de melhorar sua língua, teve de aprender o latim.

Aos 25 anos tornou-se clérigo de diocese. Por ter fama de ignorante perante os superiores, ou porque lhe perceberam a grandeza de alma, foi-lhe confiada a paróquia d'Ars-en-Dombes, onde não havia pobres, só miseráveis. Ali chegou em 13/02/1818, em uma carroça com alguns móveis e utensílios domésticos, alguns quadros religiosos e sua biblioteca de trezentos volumes.

Conta-se que encontrou um pequeno pastor, a quem pediu lhe indicasse o caminho. A conversa foi difícil, pois o mesmo não falava o francês, nem o dialeto de Vianney. Mas conseguiram comunicar-se. A tradição conta que o novo pároco teria dito ao menino: "Tu me mostraste o caminho d'Ars, eu te mostrarei o caminho do céu." À entrada da aldeia há um pequeno monumento de bronze, que lembra esse encontro.

Ele mesmo preparava suas pobres refeições, comia pouco. Dizia: "Tenho um bom físico. Depois de comer, não importa o quê, e de dormir duas horas, estou pronto para recomeçar."

Era caridoso e gentil com as pessoas. De uma pequena herança de seu pai, que lhe enviava seu irmão Francisco e as doações de pessoas abastadas, que se sensibilizavam pela sua palavra e dedicação, auxiliava seus paroquianos.

Por volta de 1830, era muito grande o fluxo de pessoas que se dirigia a Ars, para vê-lo e confessar-se com ele, esperando por horas, às vezes, a noite toda.

Ele, que pouco dormia, pouco comia, que vivia em extrema pobreza e austeridade, vendendo do que tinha para auxiliar, seus pobres, a todos atendia com conselhos sábios e amorosos.

Comovia-se com a dor alheia. "Eu choro o que vocês choram", dizia, ao derramar lágrimas, ouvindo os que lhe confessavam suas dores.

Tanto trabalho, tantas privações em alimentação e repouso, levaram-no a uma debilidade física muito grande. Em 1859, aos 73 anos, no dia 4 de agosto, desencarnou, tranquilamente.

Dois dias antes, fora visto chorando. Ao responder se estava cansado, dissera: Oh, não, choro pensando na grande bondade do Senhor em vir visitar-nos, nos últimos momentos."

O Cura d'Ars foi um exemplo de vivência evangélica, de humildade, caridade, simplicidade, e acima de tudo, amor ao próximo, esquecendo-se de si para pensar somente no outro. Foi um fiel seguidor de Jesus!

A mensagem, que vamos estudar, foi dada a respeito de uma pessoa cega.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

No primeiro parágrafo, ele escreve que fora chamado para curar, demonstra sua piedade em relação ao sofrimento pela cegueira, mas declara, humildemente, que somente Deus o pode fazer, como aconteceu, quando estava na Terra.

Conclama aos aflitos a voltarem-se para Deus, dizendo:

“Meu pai, curai-me, mas fazei que a minha alma doente seja curada antes das enfermidades do corpo; que minha carne seja castigada, se necessário, para que a minha alma se eleve para vós, com a brancura que possuía quando a criastes.”

Percebemos, nessas palavras, o conceito de que as enfermidades do corpo refletem as enfermidades da alma, fruto das suas ações contrárias às leis divinas, por desconhecimento ou descaso, constituindo-se, então, em uma fase importante do processo de regeneração do espírito imortal: fase da libertação das consequências das infrações.

Quando as doenças surgem no corpo físico, sem que haja motivos na presente encarnação viver, é porque os efeitos das ações negativas em um passado próximo ou remoto, estão em vias de serem eliminados, se bem aproveitadas, visto que quem as sofre com resignação, já não precisa mais delas para continuar sua autoeducação.

Será a prova final, a da libertação, que virá mais rápida, quanto mais for, a doença, recebida com confiança em Deus e na sua justiça, sem revolta, sem desespero.

Por isso, o autor diz que após essa prece, que Deus ouvirá, a força e a coragem crescerão no enfermo e, talvez a cura, como recompensa de sua abnegação.

Lembremo-nos, todavia, de que toda prece, para ser ouvida, precisa sair de dentro do coração, do sentimento de confiança e de certeza no amor e na justiça de Deus. É essa prece que renova as energias, renovando até células do corpo físico, porque facilita a atuação dos Espíritos no processo do tratamento ou da cura.

As palavras, por mais belas que sejam, por si mesmas, não têm, qualquer valor espiritual para tratamento e cura.

No segundo parágrafo, ele escreve que **“os que estão privados da vista deviam considerar-se como os bem-aventurados da expiação. Lembrai-vos de que o Cristo disse que era necessário arrancar o vosso olho, se ele fosse mau, e que mais valia atirá-lo ao fogo que ser a causa da vossa perdição.”**

E explica que os privados da visão têm a chance de viver, a vida das almas, a vida espiritual, podendo ver mais do que quem tem a boa visão. Isso, porque, pode, com mais facilidade, olhar para dentro de si e conhecer-se melhor, que é o primeiro passo na autoeducação do espírito imortal, no desenvolvimento de sua sensibilidade.

Pode também, com mais facilidade buscar o encontro com a Espiritualidade Maior, renovando-se constantemente, visto que está, pela falta da visão material, que o levou por caminhos ilusórios e tortuosos a infringir as leis do bem, sendo estimulado a não mais se enganar, nem repetir os mesmos erros.

Justifica assim, a resignação ativa de quem reconhece a justiça divina, dando nova chance a quem muito causou sofrimento a si e a outros, com oportunidades de novos aprendizados e novas realizações no bem.

“Oh! Sim, bem-aventurado o cego que quer viver com Deus! Mais feliz do que vós que estais aqui, ele sente a felicidade, pode tocá-la, vê as almas e pode lançar-se com elas nas esferas espirituais, que nem mesmo os predestinados da vossa Terra conseguem ver. O olho aberto está

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VIII)

sempre pronto a fazer a alma cair; o olho fechado, pelo contrário, está sempre pronto a fazê-la subir até Deus.”

Conclama a jovem cega, motivo de sua evocação nessa reunião mediúnica, a esperar e ter coragem, na provação. Confiar em “Deus, que fez a felicidade e permite a tristeza”, prometendo-lhe fazer tudo o que puder em seu favor, mas, pede-lhe que ore e, sobretudo, pense em tudo o que acabou de dizer.

Kardec, esclarece após a comunicação, que sempre que uma aflição não tem causa na vida presente, podemos saber que ela está em uma vida passada, em função de justiça divina, que não age, arbitrariamente, havendo sempre correlação entre a falta e a pena, visto que o objetivo dessa última é sempre a reeducação de quem errou.

Assim, as causas da perda da visão podem ser: sua vista foi causa de sua queda; ele provocou a perda da vista de alguém, por feri-lo, ou por obrigá-lo a excesso de trabalho, ou em consequência de maus tratos, de falta de cuidados, etc.

Ainda não sabemos o que é melhor para nós. Pela nossa imaturidade espiritual, queremos sempre nos livrar das coisas que nos são desagradáveis, ou dolorosas.

Mas, se estamos em um mundo de expiações e de provas, vivendo um processo de desenvolvimento espiritual, o espiritismo nos ensina, e podemos isso comprovar, se analisarmos bem essas situações dolorosas e difíceis, que, quase sempre, elas nos levam a reflexões sobre o viver nosso e dos demais, levando-nos a melhorias internas.

Se a dor, a deficiência, a doença nos é benéfica, por que pedirmos a Deus que nos liberte delas?!

Façamos a nossa parte, procuremos a medicina, façamos o tratamento, aceitemos o que não pode ser corrigido, procurando sempre tirar dessas situações o melhor proveito para nosso próprio benefício, aprendendo e fazendo nosso crescimento espiritual.